

CONTRACANTOS: ESTUDOS SOBRE O ÉPICO NA POESIA BRASILEIRA

Carlos Gomes de Oliveira Filho¹

RESUMO: Este trabalho analisa de que forma o gênero épico continua presente na poesia brasileira, visto que a tendência à lírica foi tratada como a única voz possível dentro do panorama da poesia brasileira mais recente, sobretudo na voz dos teóricos e críticos que abarcaram as suas análises e vistas sobre essa parcela considerável, mas não única, da produção poética. Para tanto, nos embasaremos em teóricos que (contrariando aos postulados críticos que asseguravam, na modernidade, a morte da epopeia) salientam, em seus estudos, a *poiésis* elevada que se constitui a produção de alguns poetas brasileiros. Assim, as obras *Formação épica da literatura brasileira* (1987), de Anazildo Vasconcelos da Silva, e *Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX* (2009), de Saulo Neiva, serão o *corpus* teórico fundamental para o nosso artigo, confirmando a permanência do gênero épico na contemporaneidade. Além deles, nos apoiaremos em ensaios sobre o épico, presentes em Octavio Paz (2009) e Borges (2000), a fim de referenciar esta análise para além do caso brasileiro. Com isso, comporemos um quadro sucinto em torno dos estudos que firmam a sobrevivência dos cantos épicos na poesia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: épico; epopeia; contemporaneidade.

RESUMEN: Este trabajo analizará cómo el género épico sigue presente en la poesía brasileña, puesto que la tendencia lírica ha sido tratada como la única voz que es posible en el panorama reciente de la poesía brasileña. Sobre todo en la voz de los teóricos y críticos que desarrollaron sus análisis y opiniones sobre esta parte importante, pero no exclusiva, de la producción poética. Por lo tanto, nos basaremos en estudiosos que (contrariamente a los postulados críticos que aseguraron, en la modernidad, la muerte de la epopeya) estrés, en sus estudios, la *poiesis* elevada de algunos poetas brasileños. Así, las obras *Formação épica da literatura brasileira* (1987), de Anazildo Vasconcelos da Silva, y *Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX* (2009), de Saulo Neiva, serán el *corpus* teórico fundamental para nuestro artículo, lo que confirma la permanencia del género épico en la actualidad. Además de ellos, vamos a apoyar en ensayos sobre la épica, que se encuentra en Octavio Paz (2009) y Borges (2000), con el objetivo de hacer referencia a este análisis para allá del caso brasileño. Con eso, compondremos un sucinto marco en torno de los estudios que firman la supervivencia de los cantos épicos en la poesía brasileña.

PALABRAS-CLAVE: épico; epopeya; contemporaneidad.

1. Introdução

A pulsão criadora de alguns artistas, dos poetas mais precisamente, às vezes não é acompanhada com interesse, nem por parte do público nem da crítica. No entanto, o pretenso

¹ Graduado em Letras (Faculdade São Miguel). Artigo orientado pelo Prof. MS. Felipe Aguiar.

desinteresse não indica menos força à obra produzida, já que determinadas épocas, em vista de certos contextos sociais e culturais, revelam uma atenção especial a uma (ou várias) modalidade(s) de criação. O gênero épico, na balança do tempo, perdeu a sua força tanto por parte do público, mais interessado na poesia lírica – mas, é claro, uma lírica moderna, cada vez mais fragmentária, transformada pela passagem do tempo, no conto e no romance. Já a crítica, relegou às epopeias um lugar estanque, imutável. Enquanto os gêneros artísticos, nas mais diversas áreas, acompanhavam de um modo ou de outro as transformações dos séculos, o épico, sob a leitura dos princípios teóricos de Aristóteles, permaneceu diante dos olhos da crítica como uma peça antiquada, um retrato longínquo que nada tinha a ver com o homem moderno, ou contemporâneo. Como dito, a pulsão que move o poeta, em face da criação, não é modulada pela ordem do dia. Pelo contrário, sendo “a poesia [...] um edifício estranho ao resto do mundo”, como provoca Mallarmé (*apud* PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 33), a epopeia pode ser vista como um corpo de edifícios com milhares de estruturas abaixo da terra, em vista de sua tradição, e um outro acima do chão, transformado pelo tempo: arranha-céus, poemas, cantos², epopeias. Com isso, o gênero épico em transformação continua como a profissão de fé de muitos poetas.

Assim sendo, apesar dos postulados críticos que asseguravam, na modernidade, a morte da epopeia, temos em obras como *Formação épica da literatura brasileira* (1987), de Anazildo Vasconcelos da Silva e *Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX* (2009), de Saulo Neiva, o *corpus* teórico de nossa análise, assim como os ensaios sobre o épico de Paz (2009) e Borges (2000).

2. Poiésis: epopeia

O escritor e poeta argentino Jorge Luis Borges proferiu, em uma de suas palestras na Universidade de Harvard, entre 1967-1968, sob o título “O narrar uma história”, palavras que poderiam figurar na epígrafe do livro de qualquer poeta contemporâneo que enxerga na épica, apesar do pretenso anacronismo, uma forma nova e, por essência, grandiosa de se relacionar com a poesia e com o seu tempo:

Talvez eu seja um homem antiquado do século XIX, mas tenho otimismo, tenho esperança; e como o futuro comporta várias coisas [...], acho que a épica voltará para nós. Creio que o poeta haverá de ser outra vez um fazedor. Quero dizer, contará uma história e também a cantará. (BORGES, 2000, p. 59)

Para Borges, ser um “fazedor” é aproximar a voz do poeta à voz da história, é ser o cantor de um povo, de suas vidas, a par dos versos; é ser *A voz* a reclamar aos cantos um outro status, não maior ou menor do que o do fazer lírico, simplesmente outro; em que a

² Rubrica: versificação. Cada uma das partes de um poema longo. (in: *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva, 2009).

história seja consagrada pelo instante da criação poética, como sugere Octavio Paz, no qual também afirma que “todo poema, qualquer que seja a sua índole – lírica, épica ou dramática – manifesta um modo peculiar de ser histórico” (PAZ, 2009, p. 59). A criação de todo poeta, seja na vertente épica ou não, estará naturalmente sujeita ao modo como o poeta se relaciona com o seu tempo, com a história. No entanto, a *poiésis*, ou seja, o fazer poético, ao seguir os moldes do gênero épico, não deve estar atrelada a ele de uma forma normativa, preestabelecida. Pelo contrário, o modo de ser contemporâneo do poeta servirá como guia de sua poesia, ainda que certos aspectos (que serão vistos com profundidade nos capítulos seguintes) da feição épica sejam salvaguardados, o poeta deverá transformar a tradição, remodelar os preceitos conforme o seu projeto, assim, (re)significará os dizeres de sua poesia. Dará “um sentido novo às palavras da tribo” (MALLARMÉ *apud* PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 125). De tal modo, a criação na vertente épica, naturalmente vinculada ao presente histórico do poeta, reverberará o passado para alcançar um lugar no futuro.

Em *Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX* (2009), Saulo Neiva, ao estudar a produção épica contemporânea, confirma o caráter novo que se pode atribuir ao gênero, bem como a relação entre a contemporaneidade e o passado:

Parece-nos, com efeito, que a epopéia, além de um gênero, é também uma forma codificada: trata-se de um poema narrativo longo que se baseia no maravilhoso para formular uma representação de um passado coletivo, exercendo funções bem precisas (por exemplo, a reflexão sobre o presente por meio da rememoração do passado, a tentativa de federar e narrar a totalidade), mas cuja complexidade e “permanência” só são devidamente apreciadas quando consideramos as adaptações que ela sofreu ao longo dos tempos. Nesse sentido, não se trata aqui de modo algum da “reprodução estereotipada das características de um gênero” (NEIVA, 2009, p. 24-25).

O passado coletivo reordenado no presente pelo poeta, não teria êxito criativo, nesse caso, sem que houvesse uma reformulação da tradição, senão, o poeta estaria fadado a ser um mero reprodutor dos modelos clássicos, e, possivelmente, se assim fosse, a reprodução de tais preceitos levaria o poeta à estagnação, a ser um repetidor de formas, mero pastiche da criação de outros poetas. Destarte, “[...] se a única forma de tradição, de legado à geração seguinte, consiste em seguir os caminhos da geração imediatamente anterior à nossa graças a uma tímida e cega aderência a seus êxitos, a "tradição" deve ser positivamente desestimulada” (ELLIOT, 1989, p. 38). Pois, mesmo o poema estando sob a habitação de qualquer gênero literário, a sua criação deve ser estimulada ao experimento, ao passo das mudanças e transformações que naturalmente ocorrem ao poeta e à sociedade que o cerca, em suma, ao qual está inserido. Assim, a poesia também deverá passar por tais prismas. O poeta, o leitor e a crítica são responsáveis por perceber essas mudanças, de tal modo que a épica não poderá mais ser vista como finda, mas espelhada nas transformações históricas as quais ela também se insere. Portanto, segundo Octavio Paz, “o poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – e nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta” (2009, p. 52). Como exemplo da relação entre a história e a poesia, Paz

remonta o período grego, ápice do nascimento da epopeia, para explicar como esse diálogo se estabelece:

As palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por outro lado, são anteriores a toda a data: são um começo absoluto. Sem o conjunto de circunstâncias a que chamamos Grécia não existiriam nem a *Iliada* nem a *Odisseia*; mas sem esses poemas tampouco teria existido a realidade histórica que foi a Grécia. O poema é um tecido de palavras perfeitamente datáveis e um ato anterior a todas as datas: o ato original com que principia toda história social ou individual; expressão de uma sociedade e, simultaneamente, fundamento dessa sociedade, condição de sua existência. (PAZ, 2009, p. 52).

Consequentemente, o diálogo possível entre a história, narrada na epopeia, e a poesia, materializada nos cantos, nos versos do poema épico, são, para Octavio Paz e Jorge Luis Borges, fundamentos claros para a realização dos poetas em qualquer época.

Outro aspecto levantado por Borges, no que se refere ao fazer poético e à *poiésis* do artífice, diz que “[...] os poetas parecem esquecer que, outrora, o narrar uma história era essencial, e o narrar uma história e o declamar o verso não eram pensados como coisas diversas” (2007, p. 59). A separação entre a narração e a versificação, no que concerne à epopeia, será tratada no subtítulo seguinte. De antemão, é possível pensarmos que hoje, no atual contexto literário em que o conto, a novela e o romance são os absolutos da forma narrativa, a poesia tenha sido encostada contra a parede da lírica, sem possibilidades de experimentações com o molde narrativo. No entanto, mesmo nos gêneros narrativos outrora exemplificados, a narrativa não se desenrola de maneira linear, já que cada vez mais os escritores têm procurado formas de contar e *contar* a história. Essas mudanças também são perceptíveis no gênero épico contemporâneo, como confirma Neiva:

Epopéias sem intriga – ou epopéias cujo fio narrativo é voluntariamente truncado, encoberto, disperso –, esses textos procuram sempre conservar o registro elevado característico do modo épico [...], sem com isso contrariar o princípio verlainiano de uma poesia que torceria o pescoço da eloquência. Eles denotam uma aspiração a narrar o passado coletivo, agrupar e dizer a totalidade por meio da poesia, ambição que se exprime em diferentes planos (NEIVA, 2009, p. 23-24).

Logo, ao evidenciarmos que a criação épica deva estar a par das transformações do período histórico do poeta que a consagra como arte, em que a tradição em torno desse gênero literário deva ser recriada para além dos arquétipos; percebemos como as epopeias ainda são formas possíveis de estimular a criação de qualquer poeta, quicá dos jovens, aos quais Jorge Luis Borges depositou a sua esperança. Desse modo, aprofundaremos a discussão em torno da pretensa incompatibilidade entre o gênero épico e o contemporâneo, com considerações acerca da evolução dos gêneros literários, bem como discutiremos como

o contexto histórico da poesia brasileira mais recente contribuiu para a não evidência do épico.

3. Incompatibilidade com a época atual

Quando Saulo Neiva afirma que o épico quer “dizer a totalidade por meio da poesia” (2009, p. 24), a princípio, essa afirmação poderia entrar em choque com o modo de ser contemporâneo, pois, a partir do século XX, vemos com maior ênfase uma sociedade transformada pelos avanços tecnológicos, desaguando nas relações culturais, que, se por um lado atuam diminuindo as mais diferentes fronteiras, por outro, oprimem algumas expressões culturais com intuito de padronizá-las em face de uma visão cultural hegemônica. Assim, a representação da sociedade por meio da epopeia perderia o seu valor, pois não haveria mais espaço para a manifestação de uma cultura ou de uma sociedade, já que cada vez mais o homem compreender-se-ia como ruptura, e não como continuidade histórica. Ou seja, cantar e dignificar os feitos do passado através do épico seria considerado anacrônico para a sociedade atual. Vasconcelos da Silva chega a confirmar essa tendência quando aponta para o desmoronamento do homem moderno, que se vê maravilhado e, ao mesmo tempo, aturdido pela nova sociedade que se constrói:

O século XX se caracteriza pelo avanço industrial e científico-tecnológico que criou um novo mundo à imagem e semelhança da máquina. Da relação do homem com esse novo mundo resulta uma realidade absurda que não fundamenta nem integra o homem, uma realidade que ela não consegue moldar. O homem perde sua identidade com o mundo e torna-se impotente diante duma realidade desfigurada e estranha (SILVA, 1987, p. 19).

Nesse contexto, “dizer a totalidade” é como um filho natimorto, uma tarefa fadada ao fracasso antes mesmo de qualquer tentativa.

A fragmentação da sociedade produz, naturalmente, obras com olhos deveras atentos à ruptura. No contraste entre a totalidade e a parte, o fragmento, é evidente. Por isso, “os especialistas consideram às vezes que a escolha de “reabilitar” o gênero épico no século XX constituiria uma tentativa vã ou obsoleta” (NEIVA, 2009, p. 23). No entanto, essa afirmação decorre de uma posição teórica estanque, que acredita na epopeia como um gênero que não teve um desenvolvimento no curso da história literária, incompatível com a época em que vivemos; ou ainda que o romance, na evolução dos gêneros, é o substituto natural do épico. Em suma, mais adequado a essa nova sociedade e, conseqüentemente, distante do ‘dizer o todo’ por meio da poesia, em que se evidencia “a sua extensão, sua coerência interna, sua dimensão narrativa – tantos elementos que geralmente são colocados a serviço da representação de um passado mítico e de uma identidade coletiva [...]” (NEIVA, 2009, p. 20).

Essa relação entre a época e a manutenção ou extinção, mais precisamente do gênero épico, deve ser analisada, primeiramente, a partir de como as leituras sobre a *Poética* de Aristóteles paralisaram, de certa forma, a reflexão em torno das epopeias que foram sendo produzidas ao longo dos tempos. Segundo Vasconcelos da Silva, a partir do século XVI, o épico enquanto forma de criação deixa de ter relevância crítica, pois vê paralisada a sua evolução “por falta de uma teoria épica, necessária para acompanhar através das diferentes manifestações do discurso épico, as transformações estruturais da epopeia” (1987, p. 09). Isso decorre por conta da aceitação de que a proposta crítica de Aristóteles deva ser compreendida como uma teoria do épico, as quais todas as obras subsequentes devam estar sujeitadas. No entanto, Aristóteles, analisando um *corpus* delimitado ao seu tempo, ao contexto histórico da Grécia, produziu não uma teoria, mas uma proposição crítica. Portanto, “tudo o que ele afirma sobre a epopéia [...], só vale para a epopéia grega” (SILVA, 1987, p. 09). Assim sendo, o que os estudiosos defendem sobre o épico contemporâneo é que a *Poética* de Aristóteles não deve ser tomada como uma teoria sobre o épico, em que tudo o que se produz sobre o gênero deverá estar vinculado a essa teoria, o que Aristóteles fez foi revelar um olhar crítico sobre as epopeias escritas num determinado período, de modo que estes postulados não podem servir de modelo para todas as epopeias que continuaram sendo escritas ao longo dos anos. Por conta disso, ao se aceitar a *Poética* como teoria e não como proposta crítica, como defendem alguns teóricos: “o gênero épico, dentre todos os gêneros propostos por Aristóteles, foi o único que permaneceu crítica e teoricamente estagnado, o que impediu o reconhecimento de um percurso independente da epopéia na formação da Literatura Ocidental” (RAMALHO; SILVA, 2007, p. 46).

A questão em torno da incompatibilidade entre gênero épico e a época atual decorre, também, da teoria sobre a evolução dos gêneros literários, segundo os quais, cada período da civilização estaria necessariamente atrelado a um determinado gênero. Assim, Hegel, na obra *Estética*, de 1835, demarca o épico e a escultura para o começo das civilizações, o lirismo e a pintura para o seu apogeu e o drama para a época moderna. Concomitante a isso,

[...] sabemos o quanto tais “tentativas de periodização” dos gêneros desempenharam um papel crucial no campo dos estudos literários no decorrer do século XX. Seu caráter evolucionista teleológico muitas vezes levou seus partidários, de maneira mais ou menos explícita, a restringir à epopéia em um sistema fechado de teorização genérica, associando-a a épocas passadas. Isso de alguma forma paralisou a reflexão sobre o verdadeiro alcance do gênero, levando também a uma indiferença em relação às transformações que ele sofreu ao longo do tempo” (NEIVA, 2009, p. 40).

Por conseguinte, a associação de um gênero a um período histórico legou ao épico a condição de anacronismo, em virtude disso, o gênero romance³, associado à epopeia por sua

³ “Segundo Mikhail Bakhtin [...], o gênero épico, e principalmente a epopeia, adquire um caráter de estilização, ou seja, tal poesia deixa de ter seu caráter totalitário e arbitrário, passando a fragmentário e relativo, visto que não há mais uma sociedade cujo mundo histórico formasse tal totalidade. Bakhtin, de certo modo convergindo para Georg Lukács e para Theodor W. Adorno acrescenta que este gênero, a epopeia, cujo principal objeto é o passado absoluto, teria se acabado, enrijecido ou até mesmo, esclerosado, ou seja, não restou nada da

instância narrativa, foi considerado como forma que melhor servia aos anseios da sociedade moderna. Por outro lado, Silva considera equivocada essa afirmação, pois seria improvável a substituição da epopeia pelo romance, já que o épico não traz apenas o molde narrativo, em virtude disso, se caracteriza tanto pelo lírico quanto pelo narrativo, por isso, contraria Hegel, “segundo o qual, na época moderna, a epopéia está condenada a ser substituída pelo romance, idéia que no fundo se fundamenta na classificação da epopéia enquanto gênero puramente narrativo” (NEIVA, 2009, p. 41). Assim sendo, ao analisarmos a evolução da epopeia enquanto gênero literário, devemos sempre levar em conta o seu viés lírico tanto quanto o seu narrativo, pois,

[...] embora narrativa, a epopéia não se confunde com a narrativa de ficção. Primeiro pela integração da expressão formal na estrutura narrativa, isto é, a epopéia tem com unidade o verso, divide-se em estrofes e cantos, explora recursos rítmicos e sonoros, segundo pela presença de uma consciência lírica, necessária para integrar a expressão formal, aliada ao fio narrativo” (SILVA, 1987, p. 10-11).

Portanto, fica evidente a diferença de percurso entre o épico e o romance, embora narrativos, formalmente apresentam estruturas díspares, sobretudo na exploração de elementos da poesia, caros à elaboração das epopeias. Portanto, ao compreendermos a possibilidade da epopeia ter evoluído ao longo dos tempos, é possível propor:

[...] três categorias críticas, o modelo épico clássico, o modelo épico renascentista e o modelo épico moderno. Cada uma dessas categorias designa [...], uma manifestação específica do discurso épico como uma etapa evolutiva da epopéia (idem, p. 12-13).

Desta forma, entendemos que cada época é contaminada por “uma manifestação específica do discurso épico” (idem, p. 12-13); dentro desse panorama, as epopeias continuam a encontrar lugar de destaque na poesia, contrariando, mais uma vez, os postulados críticos que relegavam o gênero épico há um tempo findo, já que, segundo Ramalho, “seria um equívoco teórico grave sustentar a idéia de uma rigidez formal épica, baseada no modelo alexandrino homérico, quando todos os outros gêneros literários, através dos tempos, libertaram-se dessas injunções” (2005, p. 22). Assim sendo, o gênero épico continua sendo uma porta aberta às possibilidades de invenção dos poetas contemporâneos.

longínqua representação épica do passado absoluto. Assim, só poderia prevalecer nas sociedades atuais o romance” (VENTURA; CARVALHO; SIGNORELI, 2010, p.01)

4. O caso brasileiro

A arcaica poesia que se faz crer advinda do gênero épico (findo e anacrônico, como conclamaram alguns teóricos), em contrapartida à poesia presente na criação dos *grandes poetas brasileiros* e, por conseguinte, na análise crítica que recai sobre eles, revela uma contradição, pois foi decretada a morte da epopeia, de seu arcaísmo perante a modernidade/contemporaneidade, ou em face do viés lírico que se constituiu a poesia brasileira, sobretudo a partir do modernismo. Percebemos, em vista desse contexto de repulsa ao épico⁴, que um grupo considerável de poetas construiu a sua trajetória, ou seja, a sua obra, sem aceitar a finitude do gênero. Sobre o contexto específico da poesia brasileira, Saulo Neiva afirma que

[...] essa impressão de inutilidade ou de anacronismo se explica em parte, parecidos, pelo fato de os poemas desse gênero, ao mesmo tempo, se distanciarem do lirismo cotidiano que constitui um dos fundamentos da obra de alguns poetas brasileiros [...] (NEIVA, 2009, p. 23).

Assim, o cânone literário da poesia brasileira, no qual Neiva se refere, representado, em parte, por Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, deixa à sombra poetas, que, de alguma forma, procuraram reabilitar o épico. Vasconcelos da Silva, no livro *Formação Épica da Literatura Brasileira* (1987), esboça um apanhado crítico sobre o gênero épico; nele, recorta determinados ciclos épicos ancorados por poetas e suas respectivas obras; a seguir, elencamos os ciclos da produção épica brasileira e destacamos algumas obras.

O **Ciclo Épico Camoniano** é extremamente influenciado pela obra *Os Lusíadas*, de Camões, e é contaminado pela concepção literária própria do período renascentista; desse modo, esse ciclo não apresenta grandes mudanças formais em relação às epopeias produzidas anteriormente. No entanto, do ponto de vista da poesia brasileira, os poemas desse ciclo são extremamente importantes, pois firmam “a tradição heróica brasileira inicial para o resgate de nossa identidade histórica” (SILVA, 1987, p. 23), já que há uma transposição do fato histórico, de caráter épico, para o contexto brasileiro, pois, sendo esse o início do percurso épico, a apropriação de temas nacionais, como a questão da colonização, constitui, de certa forma, “a gênese literária de nossa identidade histórica” (idem, p. 12-13). Assim sendo, obras como *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira; *O uraguai* (1769), de Basílio da Gama e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão, são marcos fundadores da formação do épico no Brasil.

⁴ “Ao longo do século XX, a epopéia continua a ser considerada um gênero que sofreu um certo desgaste, motivo pelo qual Madelénat, comprovando a fineza de espírito que sempre o caracteriza e propagando essa opinião bastante difundida, se refere a esse gênero em termos bastante depreciativos: “dinossauro literário”, a epopéia constitui uma “arqueopoesia [...] adiposa e indigesta” – diz ele, não sem malícia” (NEIVA, 2009, p. 19).

O **Ciclo Épico Romântico-realista** se constitui a partir do século XIX, época em que as formas narrativas, como o romance, a novela e o conto ganham destaque. Segundo o teórico, “o desenvolvimento da narrativa de ficção é compreensível em face da liberdade da criação que a matéria romanesca oferecia, se comparada com a matéria épica” (SILVA, 1987, p. 35). Tendo em vista que o épico é construído a partir da fusão do plano real com o maravilhoso, já nas três formas narrativas exemplificadas, há uma liberdade maior, tanto que houve possibilidade de mistura de gêneros literários, como a prosa extremamente influenciada pela poesia. Por conta disso, Silva destaca apenas, desse período, a obra *O Guesa* (1868), de Sousândrade, como “a primeira epopéia nacional a integrar plenamente a brasilidade” (SILVA, 1987, p. 49). Assim, segundo o autor, o poema de Sousândrade “imprime [...] a marca autêntica da brasilidade literária e, na epopéia, a marca inconfundível da modernidade” (idem).

O **Ciclo Épico Moderno** confere um momento especial na história do épico no Brasil, já que nesse período os autores procuraram uma identidade literária com a finalidade de se firmarem como “expressão cultural da nacionalidade de um povo” (idem); deste modo, o épico assume um papel importante, já que faz parte de sua alçada o resgate histórico como construção literária. Nesse ciclo, há um distanciamento dos modelos clássico e renascentista, e, formalmente, as epopeias distinguem-se por não mais se preocuparem com a narração cronológica dos fatos, além de inovarem, com a participação do narrador no fato narrado. Obras como *Martim Cererê* (1928), de Cassiano Ricardo; *Cobra Norato* (1931), de Raul Bopp; *Invenção de Orfeu* (1952), de Jorge de Lima e *Sísifo* (1976), de Marcus Accioly, são representativas desse período.

Por fim, o **Ciclo Épico Pós-moderno**, segundo o autor, não pode ser considerado criticamente como uma categoria definida, e servirá, de certo modo, apenas para designar um momento posterior ao final do modernismo. Formalmente se destaca pelo predomínio da instância lírica na epopeia (em face da narrativa), sem se confundir com o poema lírico, pois

[...] o poema lírico é uma estrutura verbal particular e subjetiva que pressupõe uma proposição de realidade objetiva do mundo, enquanto a epopéia lírica [...] é a estrutura verbal objetiva de uma proposição de realidade histórica (SILVA, 1987, p. 96).

Desse ciclo, o autor destaca os livros *Poema Sujo* (1976), de Ferreira Gullar; *A Grande Fala do Índio Guarani Perdido na História e Outras Derrotas* (1978), de Affonso Romano de Sant’Anna e *Auto do Frade* (1984), de João Cabral de Melo Neto. Outra obra importante, que retoma crítica e teoricamente o épico na poesia brasileira, é o livro *Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX* (2009), de Saulo Neiva. Nele, epopeias como *Invenção do mar* (1997), de Gerardo Melo Mourão; *Latinomérica* (2001), de Marcus Accioly; *Um país o coração* (1980), de Carlos Nejar e *A máquina do mundo repensada* (2000), de Haroldo de Campos, confirmam a potência criadora de epopeias e poetas contemporâneos, vinculados sob o ponto de vista temporal, já que Neiva procurou fazer um recorte de obras no final do século XX, pela expressão formal que

aproxima e, ao mesmo tempo, afasta os poetas, já que cada um deles procura criar epopeias para além das prisões formais que se fizeram crer do gênero épico.

5. Considerações finais

Os estudos críticos e teóricos em torno da escritura épica na contemporaneidade confirmam, além de uma tendência, um percurso revelador da poesia, ou seja, uma maneira que ela e seus criadores encontraram de se relacionar com a tradição e com a história da poesia, a fim de reafirmá-la por meio da reinvenção dos modelos. Reinscrever o épico no tempo é torná-lo *canto* e *conto* na voz dos poetas, ávidos por linguagem a ser vivida e experimentada.

Os ciclos épicos na poesia brasileira, desde o modelo camoniano até o pós-moderno, representaram uma espécie de pujança criativa da feição épica, e, ao mesmo tempo, por conta da abordagem teórica e crítica que acompanharam essas obras, se configuraram também como tessituras *avant garde* de autores brasileiros não conformados com a pretensa morte do gênero épico. Desse modo, evidenciamos como a criação épica está intrinsecamente ligada à história, no entanto, essa ligação não deverá estar sujeita a demarcações pré-definidas na criação das epopeias, caso contrário, o *status* de incompatível com o tempo atual poderia ser justificável. Octavio Paz aproxima o poeta da história, Jorge Luis Borges se diz esperançoso por novos épicos, já T. S. Elliot defende o estímulo à renovação da tradição, como aponta Saulo Neiva, ao reafirmar as transformações sofridas por essa nova epopeia “[...] sem intriga [...] cujo fio narrativo é voluntariamente truncado, encoberto, disperso” (2009, p. 23). Anazildo Vasconcelos da Silva, sobre a pretensa incompatibilidade entre tempo e gênero, conclui que a leitura normativa que se estabeleceu sobre a *Poética* de Aristóteles foi um fator decisivo para o estado anacrônico atribuído ao gênero. Contudo, como defende o mesmo autor, concluímos que cada época é contaminada por um olhar e *corpus* distintos, assim, Aristóteles lançou uma proposição crítica sobre a produção de sua época, e não uma teoria a ser seguida e copiada, ou seja, modelos de epopeia para todas as gerações vindouras. A partir das concepções de Silva, presentes em *Formação Épica da Literatura Brasileira* (1987), percebemos que uma gama de autores, e de diferentes formas, continuaram a produzir epopeias, seguindo ou não preceitos de modelos anteriores.

Assim sendo, as discussões apresentadas nesse trabalho procuraram analisar como o épico continua vivo tanto para novos poetas e suas epopeias, quanto para os teóricos e críticos que, ante o bojo de obras, se viram aptos a averiguar as transformações que o gênero sofreu ao longo dos anos. Com nossa proposta de leitura, concluímos que “o poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada por um leitor novo” (PAZ, 2009, p. 57), como também deverá ser a renovação das epopeias, destino natural da *poiésis* contemporânea.

6. Referências

BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa. [CD-ROM]. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

ELLIOT, T. S.. **Ensaio**. São Paulo: Art Editora, 1989.

NEIVA, Saulo. **Avatares da epopeia na poesia brasileira do final do século XX**. Recife: Editora Massangana, 2009.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Inútil poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RAMALHO, Christina. **Elas escrevem o épico**. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2005.

SILVA, Anazildo Vasconcelos. **Formação épica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Elo, 1987.

_____. RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira – Teoria, Crítica e Percurso**. vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

VENTURA, Denise Freire; CARVALHO, Rafael Barrozo; SIGNORELI, João Antônio Marra. **Presença do Estilo Épico na Poesia Brasileira Moderna e Contemporânea**. in: Revista Visão Acadêmica; Universidade Estadual de Goiás. ed. 10/2010.